

## AS PERSPECTIVAS PARA O ESTUDO DAS FORMAS COMPLEXAS DO DISCURSO: ATUALIDADES DE ÉMILE BENVENISTE

Valdir do Nascimento Flores<sup>1</sup>

Marlene Teixeira<sup>2</sup>

valdirnf@yahoo.com.br

marlei.poa@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo objetiva avaliar teoricamente os recentes trabalhos de Émile Benveniste em relação ao conjunto de sua teoria. Desenvolve-se a hipótese de que esses trabalhos articulam-se ao projeto maior do autor de desenvolver uma disciplina geral de estudo da linguagem, a semiologia da língua. São analisados os trabalhos sobre poética e escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Émile Benveniste; semiologia; Enunciação.

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos testemunhado a aparição de trabalhos do linguista Émile Benveniste até então desconhecidos do público. Destacam-se, muito especialmente, a transcrição de notas manuscritas feita por Chloé Laplantine, publicada em 2011 sob o título *Baudelaire*<sup>3</sup>, e a organização de Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, publicada em 2012, das anotações das últimas aulas de Émile Benveniste no Collège de France – *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969*<sup>4</sup>.

Essas publicações – aliadas a um crescente interesse pelo pensamento do autor em diversas áreas do conhecimento<sup>5</sup> (antropologia<sup>6</sup>, filosofia<sup>7</sup> etc.) – fazem crer que estamos

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>3</sup> Ver: BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

<sup>4</sup> Ver: BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons*. Collège de France 1968-1969. EHESS, Gallimard, Seuil, Paris, 2012.

<sup>5</sup> Ver: TEIXEIRA, M. “O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem”. In: *Desenredo* (PPGL/UPF), v. 8, p. 71-83, 2012.

vivendo um tempo de renovação de leitura da obra de Benveniste. O autor, até então apenas lembrado por ter fundado a dita linguística da enunciação, tem redimensionadas suas ideias e alargado o alcance de seu pensamento.

Admitida essa “nova” realidade, este artigo busca desenvolver, ao menos em parte, duas visadas de discussão: a primeira, de ordem mais retrospectiva, diz respeito aos efeitos que essas recentes publicações têm sobre o que se julgava já estabelecido da obra do autor; a segunda, de ordem mais prospectiva – de certa forma, presente, inclusive no título acima –, enfoca as perspectivas abertas para outros estudos da linguagem que não aqueles amplamente divulgados até então.

Para levar a cabo o que estamos propondo, este texto apresenta-se, a seguir, dividido em duas partes. A cada uma, cabe, respectivamente, explicitar os termos pelos quais podemos compreender retrospectiva e prospectivamente Benveniste hoje.

## **2. VOLTAR PARA SEGUIR EM FRENTE**

Não surpreende que os recentes trabalhos de Benveniste divulgados ao público versem sobre temas não circunscritos à linguística *stricto sensu*: a poética, em *Baudelaire*; os diferentes sistemas semiológicos e a escrita, em *Dernières leçons*. Benveniste sempre se interessou pelas inúmeras relações que o campo da linguística poderia ter com as diferentes áreas do conhecimento. É assim que se explica a presença, nos dois volumes de *Problemas de linguística geral*, de textos que versam sobre temas tão distintos entre si: as relações de homonímia e a linguagem onírica (cf. *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*), a filosofia analítica da linguagem (cf. *A filosofia analítica e a linguagem*), as relações com a cultura e a sociedade (cf. *Dom e troca no vocabulário indo-europeu*), entre outros.

A surpresa, no entanto, fica a cargo menos dos temas tratados e mais da perspectiva metodológica esboçada – em alguns casos, até mesmo construída – para abordá-los, articulada que está – hoje podemos dizer com tranquilidade – ao que conhecemos como as últimas reflexões de Benveniste. Explicamo-nos.

---

<sup>6</sup> Ver: DESSONS, G. Émile Benveniste, l'invention du discours. Paris: Editions In Press, 2006.

<sup>7</sup> Ver: AGAMBEN, G. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

Ver: DUFOUR, D. R. Os mistérios da trindade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

As propostas esboçadas nesses dois trabalhos de Benveniste colocam em evidência, pontualmente, *problemas* que são tematizados em suas últimas publicações em vida de que temos conhecimento. Em especial, no célebre artigo de 1970 *O aparelho formal da enunciação* e no não menos importante, de 1969, *Semiologia da língua*. Começamos pelo de 1970.

## 2.1 RETROSPECTIVAS E PROSPECTIVAS DE O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO

*O aparelho formal da enunciação* é um texto escrito em atendimento a uma solicitação de Tzvetan Todorov para integrar o número 17 da revista *Langages*, dedicada à temática da enunciação. Todorov<sup>8</sup> (Fonds Benveniste<sup>9</sup>, BnF, *apud* Fenoglio<sup>10</sup>) assim se refere ao texto:

Fui encarregado, pelo comitê editorial da revista *Langages*, de “editar” um número sobre o estudo da enunciação. Propus esse tema pensando particularmente nos trabalhos que você dedicou a isso e na perspectiva que você traçou. Espero, profundamente, que você possa colaborar neste número; ainda mais porque ele só faz sentido se você puder nos conceder essa colaboração. A razão disso é dupla: por um lado, você sabe da admiração que tenho por seus trabalhos, por outro lado, você é literalmente aquele que introduziu este tema na linguística contemporânea.

Nesse artigo, Benveniste esforça-se para sistematizar seus cerca de 30 anos de estudos dedicados à enunciação.

Um ponto, porém, chama a atenção dos atentos leitores do artigo: suas páginas finais. As quatro últimas páginas de *O aparelho formal da enunciação* introduzem questões, em princípio, estranhas ao conjunto do que nele é exposto.

Após definir os diferentes aspectos da enunciação – vocal, semantização e quadro formal de realização –, Benveniste lança-se num questionamento acerca dos limites da enunciação. Indaga o autor: “Poder-se-ia objetar que pode haver diálogo fora da enunciação, ou enunciação sem diálogo. Os dois casos devem ser considerados”. (PLG<sup>11</sup> II: 87).

Para considerá-los, Benveniste lembra, inicialmente, o *hain-teny dos Merinas*, disputa verbal na qual dois participantes empregam entre si provérbios: “Aquele, dos dois

---

<sup>8</sup> Conforme FENOGLIO, Irène, “Déplier l’écriture pensante pour re-lire l’article publié. Les manuscrits de “L’appareil formel de l’énonciation” d’Émile Benveniste”. In : BRUNET, Émilie ; MAHRER, Rudolf. (Orgs.) *Relire benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. L’Harmattan/ Academia s.a. Louvain, Belgica, 2011.

<sup>9</sup> Disponível em: [www.item.ens.fr/index.php?id=200861](http://www.item.ens.fr/index.php?id=200861)

<sup>10</sup> As referências ao *Fonds Benveniste* são feitas a partir de Fenoglio (2011).

<sup>11</sup> Os dois volumes de *problemas de linguística geral* serão referidos, aqui, conforme a edição brasileira e de acordo com o seguinte sistema: sigla (PLG), indicação do volume (I ou II), seguidas de indicação da página.

participantes, que dispõe do maior estoque de provérbios, ou que os emprega de modo mais hábil, mais malicioso, menos previsível deixa o outro sem saber o que responder e é proclamado vencedor” (PLG II: 87).

Em linhas gerais sua conclusão é: o *hain-teny* tem apenas aparência de diálogo, mas não é um diálogo.

Em seguida, cita o caso do *monólogo*. Segundo Benveniste, inversamente ao caso do *hain-teny*, “o “monólogo” procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O “monólogo” é um diálogo interiorizado...” (PLG II: 87).

Em linhas gerais sua conclusão, neste caso, é: o *monólogo* tem aparência de monólogo, mas é um diálogo.

Não há dúvidas: Benveniste está pensando aqui na relação entre forma e sentido: o *hain-teny* tem a forma de um diálogo, mas não o sentido; o *monólogo*, por sua vez, tem a forma de um monólogo, mas não o sentido<sup>12</sup>.

É isso que leva Benveniste a dizer que “estas situações exigiriam uma dupla descrição, da forma linguística e da condição figurativa” (PLG II: 88). E, ainda, sentencia: “Contenta-se muito facilmente com invocar a **frequência e a utilidade práticas da comunicação** entre os indivíduos, para que se admita a situação de diálogo como resultando de uma necessidade, abstando-se assim de analisar as múltiplas variedades” (PLG II: 88) [grifos nossos].

Uma dessas variedades é o que Malinowski chama de a *comunhão fática* – “um tipo de discurso em que os laços de união são criados pela mera troca de palavras” (Malinowski apud Benveniste PLG II: 89) – cuja natureza condensa fenômeno psicossocial e função linguística.

Benveniste cita longamente – na verdade, por quase duas páginas – Malinowski nessa parte de *O aparelho formal da enunciação*. São poucos os leitores que se detêm nessa citação. A exceção é Aya Ono (2007) que, em seu *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*,

---

<sup>12</sup> Isso é polêmico. Meschonnic (1973), por exemplo, afirma: “*Le proverbe est un lieu ambigu. Il réalise cette contradiction pour la phrase, selon Benveniste, d’avoir à la fois un ‘sens’ et un ‘emploi’*. [...] *Dans L’appareil formel de l’énonciation, il met le proverbe dans la langue et le retire à l’énonciation* [...]. *Mais si je dit un proverbe, je le fait momentanément mien. Le proverbe est une ‘phrase disponible’*. *Elle ne reste inchangée qu’en apparence. Le discours le charge chaque fois autrement, selon le locuteur, le récepteur, la situation. Même dans les hain-tenys, ‘l’usage le plus adroit, le plus malicieux, le moins prévu’ demande, on le suppose, une part d’interprétation, une frange d’énonciation*” (Meschonnic, 1973, p. 184-185). Da mesma forma, Ono (2007) pontua: “*On ne comprend pas ce qui permet à Benveniste d’exclure le hain-teny de l’énonciation*” (Ono, 2007, p. 100).

dedica-se a tratar a presença de Malinowski ligando-a ao contexto de abordagem da citação e da enunciação impessoal no quadro teórico de Benveniste.

Nosso ponto de vista sobre essa questão, no entanto, não é o mesmo de Aya Ono, embora não seja, também, oposto: nosso interesse diz respeito menos ao tema tratado por Malinowski – a comunhão fática – e mais ao fato de o autor ter tido lugar nessa altura de *O aparelho*. Por que Benveniste evoca Malinowski? A resposta parece dizer respeito ao alcance social que tem o fenômeno linguístico por ele tratado.

Em outros termos: em nossa opinião, Malinowski é lembrado porque Benveniste tem, nesse momento, grande interesse nas inter-relações da linguagem com a cultura. É isso que o faz evocar o antropólogo.

Nossa interpretação parece encontrar eco no próprio artigo de Benveniste:

Estamos aqui **no limite do “diálogo”**. Uma relação pessoal criada, mantida, por uma forma convencional de enunciação que se volta sobre si mesma, que se satisfaz em sua realização, não comportando nem objeto, nem finalidade, nem mensagem, pura enunciação de palavras combinadas, repetidas por cada um dos enunciadores. (PLG II: 90) [grifos nossos].

Os grifos acima, esperamos, devem chamar atenção para o fato de que, no nosso entendimento, o que Benveniste destaca é que há fenômenos cujos contornos não estão ligados de maneira óbvia ao “diálogo”. Ou seja: embora tenham a aparência de um diálogo não podem ser vistos como tendo a *estrutura do diálogo* em que “duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação” (PLG II: 87). As aspas em *diálogo* introduz exatamente um distanciamento dessa noção de diálogo.

Vale a pena um pequeno resumo, aqui, para que possamos reter o essencial de nossa argumentação:

- a) O *hain-teny* tem aparência de diálogo, a forma, portanto, mas falta-lhe o quadro figurativo, o sentido;
- b) O *monólogo* não tem aparência de diálogo, tem a forma de monólogo, portanto, mas tem o quadro figurativo do diálogo, o sentido;
- c) A *comunhão fática* está no limite do diálogo.

Tomando-se apenas o que está posto em “a” e “b”, podemos concluir que o que determina um diálogo é o seu sentido e não sua forma. Eis porque o monólogo é diálogo e o *hain-teny* não o é.

Mas e a *linguagem usada no livre e fortuito intercuro social – a comunhão fática* – por que ela estaria no *limite do diálogo*?

Importa destacar, inicialmente, que Benveniste não nega o caráter enunciativo da *comunhão fática*. Na verdade ele a considera “uma forma convencional de enunciação”, ou ainda, uma “pura enunciação de palavras combinadas”. Antes disso ele lembra que esse fenômeno “é um processo em que o discurso, **sob a forma de um diálogo**, estabelece uma colaboração entre os indivíduos” (PLG II: 88-89) [grifos nossos]. Benveniste limita-se, enfim, a dizer que “a análise formal desta forma de troca linguística está por fazer” (PLG II: 90). Ao que acrescenta: “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação” (PLG II: 90)

A última frase do artigo – “Amplas perspectivas se abrem para a análise das **formas complexas do discurso**, a partir do quadro formal esboçado aqui” (PLG II: 90) [grifos nossos] – não deixa dúvidas: o quadro formal da enunciação abre para o estudo das formas do discurso ainda não contempladas pela linguística.

E o que seriam essas *formas complexas do discurso*?

Benveniste não utiliza essa expressão em nenhum de seus outros artigos. No entanto, em *Vista d' olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, texto de 1963, encontramos algo muito semelhante:

Quando os linguistas começaram, a exemplo de Saussure, a encarar a língua em si mesma e por ela mesma, reconheceram este princípio que se tornaria o princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um *sistema*. Isso vale para qualquer língua, qualquer que seja a cultura onde se use, em qualquer estado histórico em que a tomemos. Da base ao topo, desde os sons até as **formas complexas de expressão**, a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura* (PLG I: 22) [grifos nossos].

Como podemos ver, a ideia de *formas complexas* está presente em Benveniste desde antes de *O aparelho formal da enunciação*.

Em síntese, caberia dizer que Benveniste, em seu último artigo, tematiza aspectos complexos do discurso que incluem fenômenos limite cuja repercussão social é inegável, que exigem da linguística partir de um quadro formal de enunciação, mas que a impede de se manter no interior desse quadro, dada a complexidade que têm.

## 2.2 RETROSPECTIVAS E PROSPECTIVAS DE *SEMIOLOGIA DA LÍNGUA*

*Semiologia da língua* é, de longe, o texto mais complexo de Benveniste. Os motivos que nos levam a essa avaliação são muitos: as leituras feitas de Peirce e de Saussure, a formulação dos princípios das relações entre sistemas semióticos, as relações propriamente ditas entre esses sistemas, a amplitude do escopo da distinção semiótico/semântico, entre outros. Portanto, nosso objetivo aqui é apenas ver em que medida se pode pensar que *Semiologia da língua* apresenta, prospectivamente, ao menos em parte, as reflexões que se evidenciam nos recentes trabalhos publicados de Benveniste.

Começemos pelo fim do texto. Nele, encontramos a seguinte passagem:

É necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:  
– na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;  
– na análise translinguística dos textos, das obras, **pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação**. (PLG II: 67) [grifos nossos]

Nessa longa citação há muito a ser explorado<sup>13</sup>: os termos da presença de Saussure, a noção de “ultrapassar”, as noções de intra e translinguística etc. Interessa-nos, neste momento, apenas o ponto que grifamos. Nele, percebemos que Benveniste prospecta a existência de uma nova disciplina – a metassemântica – que teria a incumbência de fazer a análise translinguística de textos e obras. Essa metassemântica se constituiria com base na semântica da enunciação.

A metassemântica seria “uma semiologia de ‘segunda geração’, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral” (PLG II: 67)

Benveniste, à moda saussuriana – “pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia*” (Saussure, 1975: 24) – esboça o projeto de uma nova disciplina, uma semiologia de segunda geração, uma

---

<sup>13</sup> Ver: FLORES, Valdir do Nascimento. Introdução à teoria enunciativa de Benveniste. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

semiologia da língua.

Seria possível pensar que *as formas complexas do discurso* de 1970 são o objeto da análise *translinguística*, da *metassemântica – uma semiologia de segunda geração –*, assim nomeada em 1969?

Pensamos que com esses termos – *formas complexas do discurso*, *translinguística*, *metassemântica* e *semiologia de segunda geração* – Benveniste abre seus estudos para além do limite dado pelo que se conhece como sendo normalmente o objeto de estudo da teoria enunciativa – as marcas da enunciação no enunciado – e sinaliza para a perspectiva de a análise enunciativa ser aplicada a “formas complexas do discurso”: obras, textos etc. Isso ainda está por ser desenvolvido.

Os trabalhos do autor que vieram a público, sem dúvida, deixam clara a intenção de Benveniste em criar, com base na semiologia da língua, outra forma de ver a língua e mesmo a linguagem. Passemos a eles.

### 3. DA POÉTICA E DA ESCRITA

Nesta parte, pensamos responder à seguinte pergunta: em que medida os trabalhos recentemente publicados de Benveniste podem ser vistos como indícios, esboços, da *metassemântica*?

Começemos pelas notas sobre a linguagem poética, que tomam por *corpus* a obra de Baudelaire<sup>14</sup>, transcritas por Chloé Laplantine e publicadas, em 2011, pela editora Lambert-Lucas, com o título “Baudelaire”.<sup>15</sup>

Antes, porém, fazemos um breve retorno à produção de Benveniste no intuito de mostrar que a literatura faz parte de seus questionamentos. Sabe-se de sua proximidade com o movimento surrealista, que o leva a assinar, em 1925, com o grupo, o manifesto *La Révolution d’abord et toujours!*, contra a guerra no Marrocos<sup>16</sup>. Em 1924, ele escreve uma resenha sobre a tradução francesa dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge* de Rilke, em que diz

---

<sup>14</sup> Na visão de Fenoglio (2012, p. 138), Benveniste propõe Baudelaire como *corpus*, mas seu objeto é a *linguagem poética* e, mais precisamente, o *discurso poético*. Do mesmo modo como procede em PLGI e PLGII, em que recorre a línguas particulares para formular sua teoria da linguagem, Benveniste quer compreender o funcionamento do *discurso poético* via o estudo de *uma língua poética*, a de Baudelaire.

<sup>15</sup> O arquivo “Baudelaire”, constituído de notas manuscritas, encontra-se na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF), em pastas numeradas de 1 a 23. Dezoito delas constituem o livro organizado por Laplantine. As cinco primeiras pastas, não reproduzidas por Laplantine, pertencem ao filósofo peruano Augusto Salazar Bondy.

<sup>16</sup> O grupo de surrealistas aliou-se a intelectuais comunistas para condenar a ação do exército francês, mobilizado para apoiar os espanhóis numa disputa territorial na região norte do Marrocos.



da necessidade de uma reinvenção dos meios de análise que a leitura de Rilke implica. Em 1945, produz um texto sobre o imaginário poético da água, *L'eau virile*, para um número da revista *Pierre à feu*, organizado pelo poeta Jacques Kobes (cf. Laplantine<sup>17</sup>), que mostra, através da figuração da água em alguns poetas, uma “mitologia latente”, produzida pelo imaginário, que “tende a dissociar em figuras contrastadas e de sexo oposto noções que a razão torna como simples e permanentes” (Laplantine, 2011: 11).

Além disso, quem observar o final do segundo volume do *Vocabulaire des institutions indo-européennes* (BENVENISTE, 1983<sup>18</sup>), vai perceber que as referências literárias alimentam o saber do linguista: no *corpus* grego, encontram-se duas referências a Aristóteles (1983: 449), uma a Platão (1983: 454), trinta e duas a Heródoto (1983: 449) e mais de trezentas e trinta e seis a Homero (1983: 450).<sup>19</sup>

Em PLG I e PLG II, a questão da poética aparece de forma pontual, mas notável. Por exemplo, na entrevista a Guy Dumur<sup>20</sup>, para o *Nouvel Observateur*, em dezembro de 1968, Benveniste declara seu imenso interesse pela linguagem poética. Em *A forma e o sentido na linguagem* (PLG II: 220-242), refere que a linguagem ordinária é útil para a descoberta da linguagem poética, fazendo da última um horizonte de pesquisa (PLG II: 11-12).<sup>21</sup>

Em *Semiologia da língua*<sup>22</sup>, Benveniste não chega a falar de modo explícito da literatura, concentrando-se na música e nas artes figurativas. No entanto, no final do artigo, abre a via para uma “translinguística dos textos e das obras” (PLG II: 67), projeto que coloca a literatura como objeto da metassemântica. Nesse mesmo artigo, quando explica a relação de homologia entre sistemas semióticos, faz uma breve referência a Baudelaire: “les parfums, les couleurs et les sons se répondent”, correspondências que, na visão do linguista, “não estão

---

<sup>17</sup> Em entrevista concedida a M. Teixeira e V. N. Flores para a Revista *Calidoscópio*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS (cf. referência no final deste artigo).

<sup>18</sup> A publicação original é de 1969. Neste artigo, consultamos a tradução para o espanhol, datada de 1983.

<sup>19</sup> Cf. material de divulgação do *Colloque Benveniste et la littérature*, organizado por Sandrine Larraburu-Bédouret (Université de Pau et des Pays de l'Adour - CRPHL) e Chloé Laplantine (CNRS – Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques). Bayonne, 2 e 3 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.udg.edu/Portals/92/Hllengua/agenda%20i%20noticies/BenvenisteLitterature-Baiona.pdf>. Acesso em 12 de novembro de 2013.

<sup>20</sup> Nessa entrevista, ele amplia o escopo da linguística para “o fenômeno que constitui a linguagem”, incluindo “a linguagem que se transforma em escrita” (PLG II, p. 30), a que vamos nos referir mais adiante.

<sup>21</sup> Laplantine (2011, p. 12) destaca o fato de Benveniste incluir a linguagem poética na linguagem ordinária, o que ocorre também nos manuscritos de Baudelaire, em que o autor apresenta a poesia como uma língua *interior* à linguagem ordinária.

<sup>22</sup> Essa referência aparece também em *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana* (PLG I, p. 81-94), texto em que Benveniste reprova Freud por ter buscado comparar o psiquismo às línguas históricas e sugere que é com a poesia que uma comparação teria sido frutífera.

senão em Baudelaire”, organizando seu universo poético e a criação que o reflete. (PLGII: 62).

Mais tarde, constata-se que essa referência a Baudelaire decorre desse grande trabalho que Benveniste realizava na época, que provavelmente serviria de base a uma contribuição sua para o número 12 da revista *Langages*, sobre o tema “Linguística e Literatura”<sup>23</sup>, que Roland Barthes organizava.

A revista de Barthes foi publicada em dezembro de 1968. Por razões desconhecidas, Benveniste não participou desse número e jamais publicou qualquer texto sobre “a língua de Baudelaire”.

As notas manuscritas que se encontram nesse livro atestam o que já sabíamos: Benveniste se permitia refletir sobre a literatura. Mas parece não haver consenso sobre o que esse material revela a respeito do lugar que essa reflexão ocupa em suas teorizações. Estará esse interesse pela linguagem poética dissociado de sua teoria da língua / linguagem?

Não é nosso propósito dar conta desse questionamento, que, por sua amplitude, exigiria um mergulho bem mais profundo nas notas que constituem “Baudelaire”, o que não cabe nos limites deste artigo. Apenas gostaríamos de indicar por onde achamos que essa discussão tem a dizer ao redimensionamento do pensamento de Benveniste sobre o funcionamento da linguagem.

Voltemos à entrevista a Dumur, em que Benveniste declara-se imensamente interessado pela linguagem poética. Chamam a atenção duas afirmações que seguem essa declaração: (a) o objeto de estudo, o método a ser empregado para o tratamento da linguagem poética não estão claramente definidos; (b) a linguagem poética tem suas próprias leis e funções.

Como observa Laplantine (2009: 25-26), nesse momento, Benveniste indica a necessidade, para a linguística, de ir além das categorias que propõe para a análise da linguagem dita ordinária, de ultrapassar “sua abstração, sua gramática, sua fonologia, sua semântica, sua pragmática”, se quiser dar conta da linguagem poética. Essa é uma questão bastante recorrente em “Baudelaire”. Vejamos o que diz Benveniste (2011: 46):

A la différence du langage ordinaire, le / langage poétique fait voir les choses en se faisant / voir lui-même. Il est d'abord contrainte / formelle. le schème du vers

---

<sup>23</sup> Em arquivos do *Collège de France* foi encontrada uma lista de “artigos prometidos” por Benveniste, redigida por ele próprio nos primeiros meses de 1967. Nessa lista, o autor escreveu: “Langages / (La langue de Baudelaire).” (cf. LAPLANTINE, 2011, p. 133).

preexiste au dire poétique, / la mesure fixe, la répétition, le retour / scandent le discours avant même qu'il soit énoncé (...).

Quando Benveniste pontua a necessidade de reformulação da linguística para poder tratar a linguagem poética, isso não significa que esteja promovendo a separação da linguagem em duas: uma ordinária e outra poética. O que Benveniste quer destacar é que a significância da poética se dá fora de “uma ordem linear e fora dos limites gramaticais da frase” (Laplantine 2011: 15). Talvez o que se possa ver aí é a invenção de um novo olhar para a linguagem, que contemple a dimensão não linear do sentido, que suporte a intervenção transformadora de uma experiência singular.

Falemos, agora, um pouco sobre a escrita e a abordagem que dela é feita em *Dernières Leçons*, publicadas em 2012 pelas Editoras Gallimard e Seuil.

O livro organizado por Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet apresenta dezesseis aulas (sete, no primeiro capítulo; 8, no segundo; uma, no terceiro). Nas aulas dos segundo terceiro capítulos, encontramos as reflexões em torno da escrita.

O raciocínio de Benveniste nessas aulas é extremamente complexo. Seu percurso é, em linhas gerais, o seguinte: a) até a sétima aula, ele apresenta a distinção semiótico/semântico, também presente em *Semiologia da língua*; b) nas restantes, ele dedica-se exclusivamente ao estudo da escrita.

Inicialmente, Benveniste deixa claro que não se interessa pela “origem” da escrita. Seu interesse é compreender como o homem, em cada cultura, simbolizou a escrita como uma face da língua: “Não faço genética das escritas; não procuro a origem da escrita. Quero apenas ver quais soluções o homem deu ao problema da ‘representação gráfica’” (Benveniste, 2012: 100). Em seguida, ele traça duas possibilidades de entendimento da escrita. Em ambas as perspectivas, Benveniste a aborda dentro de sua teoria geral da significância da língua (semiótico/semântico).

Inicialmente, Benveniste aborda a escrita como um sistema semiótico em si. Para ele, “Com a escrita, o locutor deve se desprender da representação que tem instintivamente do falar enquanto atividade, enquanto exteriorização de seus pensamentos, enquanto comunicação viva” (Benveniste 2012: 93). Ou ainda, conforme Benveniste (2012: 93):

A língua é convertida, de repente, em uma imagem da língua. A atividade completa na qual o locutor está engajado, esse comportamento tanto gestual quanto fonológico, essa participação do outro, de todos os outros, da totalidade dos parceiros possíveis nessa manifestação individual e coletiva, tudo isso é substituído por *signos* traçados a mão.

Essa reflexão de Benveniste se encontra, principalmente, no conjunto formado pelas aulas 8 a 13.

Na décima quarta aula, Benveniste (2012: 121) faz um deslocamento importante:

Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*. A operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita

Na décima quinta aula, Benveniste (2012: 131) surpreende:

Todos os problemas das relações entre a língua e a escrita são renovados se colocamos o seguinte princípio fundamental: *a escrita é uma forma secundária da fala*. É a fala transferida da audição à visão: a fala, somente auditiva, torna-se escrita, somente visual.

Na verdade, o que está em questão nessas duas citações? Nas últimas aula, não se trata mais de abordar a escrita pelo que ela pode evocar de abstração distinta da vocalização, mas de ver a escrita como uma espécie de “*forma secundária da fala*”. Não no sentido de ser a escrita derivada da fala ou mesmo uma representação da fala. A escrita é uma forma de fala.

Em outras palavras, a escrita – como uma forma da fala – é a prova incontestada de que a língua pode semiotizar-se a si própria, pode interpretar a si própria. A escrita é uma face da língua, é uma forma que o homem encontrou para simbolizar a língua.

#### 4. CONCLUSÃO

Para nós a conclusão possível deste pequeno estudo que fazemos é: as recentes – e póstumas – publicações de Benveniste estão articuladas ao projeto maior de uma semiologia da língua.

Aliás, Benveniste encerra sua última e derradeira aula com a frase: “O estudo de conjunto seria a semiologia” (Benveniste, 2012: 146). *Semiologia* é a última palavra da última aula de Benveniste. Isso não parece ser mero acaso.

Nossa hipótese é que Benveniste entrevia, no momento da elaboração da dupla semiótico/semântico, a possibilidade de voltar ao tema da semiologia, iniciado por Saussure, sem, no entanto, ratificar integralmente a visada saussuriana.

A formulação da semiologia proposta por Saussure, como sabemos, depende

exclusivamente da noção de signo; a semiologia da língua proposta por Benveniste inclui o signo saussuriano, sem dúvida, mas não se restringe a ele: a semiologia da língua é uma *semiologia de segunda geração* que se constrói sobre o semântico que, por sua vez, inclui o semiótico. Como se pode ver *amplas são as perspectivas abertas para a análise das formas complexas do discurso*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, Émile. “O aparelho formal da enunciação (1970)”. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
2. BENVENISTE, Émile. “Semiologia da língua (1969)”. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
3. BENVENISTE, Émile. *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da Linguística* (1963). In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.
4. BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.
5. BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons*. Collège de France 1968-1969. EHESS. Paris : Gallimard, Seuil, 2012.
6. BENVENISTE, Émile. *Vocabulario de las instituciones indoeuropeas*. Madrid: Taurus Ediciones S. A., 1983.
7. FENOGLIO, Irène. Benveniste auteur d’une recherche inachevée sur le « discours poétique » et non d’un « Baudelaire ». In: ADAM, J.-M.; LAPLANTINE, C. (orgs.). *Les notes manuscrites de Benveniste sur la langue de Baudelaire*. Semen 33, 2012, p. 121-161. <http://semen.revues.org/9442>.
8. LAPLANTINE, Chloé. Présentation. In: BENVENISTE, É. *Baudelaire*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011. p. 7-21.
9. \_\_\_\_\_. La poétique d’Émile Benveniste. In: MARTIN, Serge (org.). *Émile Benveniste: pour vivre langage*. Basse Normandie: IUFM, 2009. p. 25-38.
10. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

11. TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento; LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. Entrevista com Chloé Laplantine. *Calidoscópio*. Vol. 11, n. 2, p. 221-224, mai/ago 2013.

**ABSTRACT:** This article aims to evaluate theoretically the recent work of Emile Benveniste on the set of his theory. Develops the hypothesis that these works articulate the author's larger project to develop a general discipline of the study of language, semiotics of language. We analyzed the work on poetics and writing.

**KEYWORDS:** Émile Benveniste; semiology; enunciation.